



Rota dos Jardins Históricos de Portugal

(Programa VALORIZAR)

**Ações de Capacitação e Sensibilização de
Proprietários e Gestores de Jardins Históricos**

2018 / 2019



Rota dos Jardins Históricos de Portugal
(Programa VALORIZAR)

**Acções de Capacitação e Sensibilização de Proprietários
e Gestores de Jardins Históricos**
2018 / 2019

Coordenação

Miguel Coelho de Sousa
Teresa Andresen

Apoio

Casa dos Condes de Santar e Magalhães
Santar Vila Jardim
Fundação Eugénio de Almeida
Câmara Municipal de Ponte de Lima
Casa de Nossa Senhora de Aurora
Fundação da Casa de Mateus

Financiamento



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1ª SESSÃO SANTAR, 18 OUT. 2018	5
<i>A essência do jardim histórico em Portugal, os princípios de intervenção em património e os conceitos de manutenção, gestão, conservação e restauro</i>	
2ª SESSÃO ÉVORA, 22 MAR. 2019	31
<i>O jardim do Sul de Portugal, a manutenção do património vegetal e a conservação e restauro do património construído</i>	
3ª SESSÃO PONTE DE LIMA, 9 AGO. 2019	45
<i>A preparação para a abertura do jardim histórico ao público</i>	
4ª SESSÃO MATEUS, 8 NOV. 2019	61
<i>A rentabilização do jardim histórico através do turismo</i>	



INTRODUÇÃO

A Associação Portuguesa dos Jardins Históricos (AJH) propôs-se organizar, no âmbito da criação da “Rota dos Jardins Históricos de Portugal” com o apoio do programa VALORIZAR do Turismo de Portugal, um programa de Acções de sensibilização e capacitação de gestores e proprietários de jardins históricos.

Os objectivos do programa foram:

- a) sensibilizar os gestores e proprietários de jardins históricos para a sua importância, autenticidade, especificidade e vulnerabilidade;
- b) capacitá-los para uma participação activa, consciente e fundamentada nos processos operacionais e dinamizadores dos jardins

históricos e do turismo de jardins.

Pretendeu-se neste âmbito trabalhar junto dos proprietários e promotores de jardins públicos e privados das diversas regiões abrangidas pela Rota, sensibilizando-os para o potencial de desenvolvimento dos jardins históricos enquanto produto turístico, com as mais valias resultantes da adaptação dos espaços para esta atividade. Também se pretendeu trabalhar com este universo de pessoas para que enriquecessem os seus conhecimentos, partilhassem experiências, adquirissem e transmitissem boas práticas de gestão e preservação.

A metodologia proposta consistiu:

a) na promoção de um ciclo de sessões formativas com componente teórica e prática, realizadas em Jardins Históricos de associados da AJH e que abordaram as seguintes áreas temáticas:

- História de arte de jardins
- A essência do jardim português
- Elementos de composição do jardim histórico
- Conservação e restauro de património paisagístico: valores

naturais e valores construídos

- Gestão e manutenção de jardins históricos
- Dinamização de jardins históricos: usos adequados e rentabilizadores
- O produto Turismo de Jardins e a melhoria da experiência de visita.

b) na elaboração do presente *eBook* que compila, sistematiza e divulga os conhecimentos partilhados, assim como os contributos e conclusões das discussões e debates proporcionados.



A 1ª sessão decorreu a 18 de Outubro de 2018 na casa e jardins dos Condes de Santar e Magalhães, em Santar, integrada na Conferência Internacional “Os Jardins Históricos nas Rotas Turísticas” e abordou a essência do jardim histórico em Portugal, os princípios de intervenção em património e os conceitos de manutenção, gestão, conservação e restauro.

Na 2ª sessão, realizada a 22 Março de 2019 no Centro de Arte e Cultura e jardins da Fundação Eugénio de Almeida, em Évora, destacou-se a essência do Jardim do Sul de Portugal e aprofundou-se o tema da manutenção do património vegetal a par das tipologias, materiais e técnicas de conservação e restauro do património construído.

Na 3ª sessão, que decorreu a 9 de Agosto de

2019 no Museu de Terceiros e nos jardins da Casa de Aurora, em Ponte de Lima, o programa focou-se na preparação para a abertura do jardim histórico ao público: infra-estruturação e visitação.

Finalmente, na 4ª sessão, que teve lugar a 8 de Novembro de 2019 na Casa de Mateus, em Vila Real, integrada na Conferência Internacional “Turismo Cultural: Património Paisagístico e Criatividade”, o programa incidiu na temática da rentabilização do jardim histórico através do turismo.

A Direcção da AJH gostaria de expressar o seu profundo agradecimento aos oradores das quatro sessões, por todo o empenho e disponibilidade:

- Aurora Carapinha
- Ilya Semionoff
- João Ceregeiro
- Manuel Carvalho e Sousa
- Miguel Coelho de Sousa
- Nuno Oliveira
- Nuno Proença
- Paulo Farinha Marques
- Pedro Piñeiro
- Rodrigo Alves Dias
- Sofia Barroso
- Sónia Talhé Azambuja
- Teresa Portela Marques
- Vasco Martins da Costa

- Casa dos Condes de Santar e Magalhães
- Santar Vila Jardim
- Fundação Eugénio de Almeida
- Câmara Municipal de Ponte de Lima
- Casa de Nossa Senhora de Aurora
- Fundação da Casa de Mateus

Por fim, a todos os participantes, pela adesão expressiva e participação interessada, muito obrigado!

A Direcção da AJH agradece também aos Associados proprietários e representantes dos Jardins que acolheram este ciclo teórico-prático, em cenários de grande interesse paisagístico e patrimonial e que permitiram trocas de conhecimentos e experiências muito gratificantes:

30 de Dezembro de 2019

Miguel Coelho de Sousa
(Direcção AJH)

1ª SESSÃO

Santar, 18 Out. 2018

*A essência do jardim
histórico em Portugal,
os princípios de
intervenção em
património e os
conceitos de
manutenção, gestão,
conservação e
restauro.*



ROTA DOS JARDINS HISTÓRICOS
DE PORTUGAL (PROGRAMA VALORIZAR)

ACÇÕES DE SENSIBILIZAÇÃO E CAPACITAÇÃO DE GESTORES E PROPRIETÁRIOS DE JARDINS HISTÓRICOS

1ª SESSÃO

(Integrada na Conferência Internacional
OS JARDINS HISTÓRICOS NAS ROTAS
TURÍSTICAS)

**Casa dos Condes de Santar
e Magalhães, Nelas**

18 OUT 2018

1ª SESSÃO

Santar, 18 Out. 2018

O jardim em Portugal

1. Evolução do jardim em Portugal

(Sónia Talhé Azambuja)

2. A essência do jardim em Portugal: Carácter, ambiente e elementos de composição

(Miguel Coelho de Sousa)

O jardim enquanto património

3. Património construído: abordagens de

conservação e restauro

(Nuno Proença)

4. Património vegetal:

abordagens de

manutenção, conservação e restauro (Paulo Farinha

Marques)

Gestão e manutenção de jardins históricos

5. Parques de Sintra:

planos de manutenção, gestão, conservação e restauro

(Nuno Oliveira)

6. A Quinta Real de

Caxias: desafios, problemas e soluções – o caso

(Rodrigo Alves Dias)

À conversa no jardim da Casa dos Condes de Santar e Magalhães

7 Passeio-debate com

proprietários, oradores, gestores e projectistas

O jardim em Portugal

1. Evolução do jardim em Portugal

Sónia Talhé Azambuja

«Na tradição culta chinesa um intelectual era aquele que se distinguia no cuidado do seu jardim, não apenas aquele que fabricava ideias ou palavras. [...] Creio que a nossa vida fica incompleta se depois de construirmos hortas, casas e templos não tivermos construído um jardim».

José Tolentino de Mendonça – “Constrói para ti um jardim”. *In Jornal Expresso*, 23/04/2015

A análise e interpretação da evolução do jardim em Portugal leva-nos numa viagem no tempo desde a Idade Média até ao Modernismo. Portugal possui um importante património paisagístico constituído por quintas de recreio, cercas monásticas e conventuais, jardins de claustros, jardins de palácios e de solares, jardins e parques públicos, entre outros, que são testemunhos culturais das épocas em que foram idealizados. No âmbito desta comunicação serão analisados uma seleção de jardins históricos representativos da História da Arte dos Jardins em Portugal, que nos permitem refletir sobre a sua relevância histórico-artística e papel sociocultural. O jardim como símbolo de paraíso

terrestre, repleto de flora e de fauna, lugar tanto de refúgio como de encontro social. A análise de representações iconográficas de jardins, paisagens, de plantas e animais, nos frescos, na iluminura e na pintura retabular da Idade Média e do Renascimento em Portugal revelam dados importantes para interpretar e restaurar jardins históricos. O conceito de Jardim Histórico, bem como o conhecimento das principais Cartas e Convenções Internacionais sobre património paisagístico, são conhecimentos fundamentais para Gestores e Proprietários de Jardins Históricos que têm a necessidade de restaurar e gerir este tipo de património cultural.

Sónia Talhé Azambuja

Arquiteta paisagista, ISA (2000), doutorada em História, na especialidade de Arte, Património e Restauro pela FL/ULisboa (2015).

Professora Auxiliar Convidada de Arquitetura Paisagista do ISA/ULisboa e da FCT/UAlg.

Secretária-geral da Direção da Associação Portuguesa dos Arquitetos Paisagistas-APAP (2016-2018).

Presidente da Direção da Associação dos Amigos do Jardim Botânico da Ajuda-AAJBA (2013-2019), desde 2010 que coordena as obras, financiadas pela AAJBA, de conservação/restauro do Jardim Botânico da Ajuda (1.º jardim botânico português, fundado em 1768).

info@soniaazambuja.com
www.soniaazambuja.com

O jardim em Portugal

2. A essência do jardim em Portugal: carácter, ambiente e elementos de composição

Miguel Coelho de Sousa

“Para além de uma história de formas, o jardim conta também uma longa história de diferentes percepções e convivências homem-natureza-paisagem”

Rita Fabiana, “Instalações de Gabriela Albergaria”, Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

A concepção de jardins, como forma de expressão artística, é determinada pelo contexto cultural em que se insere. Durante a inevitável e contínua evolução do jardim em Portugal solidificaram-se linhas permanentes que contribuíram para a definição de um carácter próprio, o qual advém não só dos elementos originais, mas, sobretudo, do modo como acolheu e interpretou as influências exteriores, conjugando-as de uma forma única.

Apresentam-se as plantas, os materiais, as soluções construtivas e os elementos tradicionais, e identifica-se a adaptação de influências exteriores na definição de um estilo próprio.

Pretende-se contribuir para o entendimento da especificidade e

continuidade da nossa relação com a Natureza, materializada na criação e vivência dos jardins, cujas qualidades o tempo comprovou e evidenciou, fazendo-os históricos. E valorizar, assim, o potencial inerente à sua preservação e divulgação.

Miguel Coelho de Sousa

Licenciado em Arquitectura Paisagista pelo Instituto Sup. de Agronomia, Univ. Técnica de Lisboa, 2003.

Inicia a sua actividade profissional em 2002 no atelier ACB Arquitectura Paisagista, onde participa em projectos de jardins privados, de intervenção na paisagem rural e de restauro de jardins históricos.

De 2008 a 2017 integra o atelier PROAP Arquitectura Paisagista, onde colabora em

projectos nacionais e internacionais e coordena a investigação sobre sistemas vegetais e irrigação sustentável, e a sua aplicação ao projecto.

Como profissional liberal tem focado a sua actividade no projecto de parques e jardins, e na assessoria e consultoria de manutenção, conservação e restauro.

Orienta cursos sobre concepção de jardins, jardins históricos e jardinagem, na Fundação de Serralves, Porto (2004-2007), e na Associação de Amigos do Jardim Botânico da Ajuda, Lisboa, cuja Direcção integra desde 2009, sendo co-responsável pela coordenação científica dos seus programas.

É sócio fundador da Associação Portuguesa de Jardins Históricos (2003) e membro da actual Direcção.

É sócio da Associação Portuguesa de Arquitectos Paisagistas (2003), membro dos seus órgãos sociais desde 2013 e membro da actual Direcção.

Sempre que tem tempo é jardineiro no seu jardim.

miguel.rcs@gmail.com
www.miguelcoelhodesousa.com

O jardim enquanto património

3. Património construído: abordagens de conservação e restauro

Nuno Proença

Esta comunicação incidirá sobre a conservação e restauro de património construído comumente encontrado no contexto de jardins históricos, e terá como base estruturante e ilustração os diversos trabalhos efectuados neste escopo pela Nova Conservação.

Em jardins, os elementos patrimoniais não-vivos mais frequentemente presentes incluem tipicamente esculturas, edifícios de pequenas

dimensões (e.g. estufas, casas de fresco), e elementos de água (e.g. chafarizes, lagos e fontes). Estas tipologias patrimoniais, mormente os elementos de água, consubstanciam casos muito particulares de intervenção em património, não só pelo seu enquadramento, mas também pelas suas características específicas.

Em termos de materiais, é sobretudo usual a utilização de inorgânicos, dos quais se destacam evidentemente a pedra, os rebocos, os azulejos e diferentes ligas metálicas, usados isoladamente ou em combinações extremamente diversificadas. Estes materiais, e as estruturas em que são empregues, apresentam susceptibilidades variáveis

aos ambientes em que se inserem, como variáveis são os graus de agressividade destes últimos. Por outro lado, o papel que cada elemento desempenha na sua envolvente, e os valores culturais que lhe estão necessariamente associados podem também apresentar uma grande variabilidade, e por esta razão cada caso é um caso, exigindo uma cuidada análise dos equilíbrios que se pretendem restabelecer com a intervenção de conservação.

Os ambientes de jardim, conquanto menos agressivos do ponto de vista da poluição atmosférica, não deixam de constituir uma envolvente privilegiada para a alteração dos materiais, dada a

proximidade de elementos biológicos e, sobretudo, a abundância de água. Esta alteração, anote-se, é muitas vezes considerada desejável, e é aliás frequente que seja parte essencial da harmonia que caracteriza estes ambientes, pelo que as acções de conservação do património construído devem, desejavelmente, ser o menos perturbadoras possível dessa natural coerência.

Neste âmbito, os elementos de água merecem um destaque particular devido às suas características funcionais, sobretudo as que asseguram jogos de água, que contribuem decisivamente para a significância cultural dos sobreditos elementos e, por inerência, para os valores patrimoniais dos

espaços em que estes se inscrevem. No caso dos jardins históricos, contingências várias, muitas vezes simplesmente ligadas à falta de uma regular manutenção, causam frequentemente a perda destas características funcionais. Ora, a importância patrimonial destas dinâmicas de água torna fulcral o restabelecimento destes circuitos hidráulicos e suas necessárias infraestruturas, de uma forma desejavelmente mais consentânea com os paradigmas de sustentabilidade que presidem, e bem, às actuais políticas de gestão (patrimonial e outra).

A Carta de Florença (1981), referência internacional para a salvaguarda de jardins

históricos, articula os princípios orientadores para a conservação de elementos vegetais e de elementos construídos, recordando a Carta de Veneza (1964), cujo âmbito aliás complementa, como directiva principal para a conservação das composições arquitectónicas e/ou decorativas no contexto de jardins. Ambas as Cartas, bem como as subsequentes Carta de Cracóvia (2000) e Convenção de Faro (ratificada por Portugal em 2009), promovem abordagens à conservação primeiramente defensoras dos valores culturais dos sítios e das comunidades patrimoniais que os conferem, e portanto preferencialmente

baseadas no diálogo entre os intervenientes, que redundem em acções o menos intrusivas possível, com primazia para a reversibilidade/retratabilidade e, sobretudo, compatíveis com a significância cultural dos espaços. É neste enquadramento que foram desenvolvidas as intervenções que ilustram a presente comunicação.

Da experiência e conhecimentos ganhos nestas diversas intervenções, complementados por uma constante actualização teórica e técnica, gostaríamos sobretudo de realçar a importância de implementar acções de conservação ponderadas, que reflectam essa articulação fundamental entre a componente

natural e as composições construídas, e sempre suportadas por acções regulares de manutenção. Com efeito, a manutenção do construído, aliás como do natural, é a chave para uma conservação sustentável e ética, na qual um esforço inicial de planeamento permitirá uma fruição substancialmente mais longa.

Nuno Proença

Conservador-restaurador (ISCR, Roma) com 30 anos de experiência profissional, nacional e internacional (Itália, Índia, Argentina e Líbia), na conservação e restauro de património imóvel e na direcção e gestão de projectos, frequentemente multidisciplinares. Dedicar-se primordialmente à conservação de património edificado e integrado, em diversos contextos, tipologias e materiais, incluindo bens classificados implantados em paisagens urbanas e naturais, em contextos civis e religiosos, arqueológicos, históricos e contemporâneos. Participa no desenvolvimento de ferramentas conceptuais e técnicas de conservação e gestão dos riscos em património construído, sobretudo no âmbito de parcerias europeias. Colabora regularmente com centros de investigação; em encontros e publicações técnico-científicas; e desenvolve actividades nas áreas pedagógica e de consultoria.

Sócio-gerente da Nova Conservação; Lda. empresa certificada em qualidade que, desde 1994, trabalha exclusivamente na área do património cultural, realizando estudos, projectos, e intervenções de conservação e restauro, em Portugal, Espanha e Itália, algumas distinguidas por instituições de referência, e.g. EUROPA NOSTRA. Sócio fundador da ARP – Associação Profissional de Conservadores-Restauradores de Portugal.

nunoproenca@ncrestauro.pt
www.ncrestauro.pt

O jardim enquanto património

4. Património vegetal: abrodagens de manutenção, conservação e restauro

Paulo Farinha Marques

NO JARDIM LIMPO,
CORTO, APARO, MONDO,
REGO, PODO, ADUBO,
ESCARIFICO, SACHO,
PLANTO, REPICO,
RETANCHO

Lato sensu, o jardim histórico português é, até à primeira metade do sec. XX, essencialmente formado por sebes talhadas, topiária, pomares, hortas, ramadas, bosquetes e árvores singulares.

As suas plantas mais representativas são buxos, murtas, roseiras, alecrins, citrinos, videiras, cedros, palmeiras, ciprestes, cameleiras, e algumas outras de flor e virtude.

O desafio em mantê-lo acentua-se com a retração do mundo rural, pela falta de jardineiros, falta de recursos financeiros, falta de atenção e falta de atitude.

Os jardins, sempre exigentes, constantemente enfrentam males novos como o míldio e traça do

buxo, o escaravelho da palmeira, a tristeza das laranjeiras, a podridão e mofo das cameleiras. Tentam resolver-se com atenção, experimentação, arejamento, fertilização, e perseverança fungicida e inseticida (química, biológica ou integrada). É muito exigente, os insucessos são comuns e por vezes tem que se começar tudo de novo.

O passar do tempo acentua o interesse estético, ecológico e referencial ao jardim, mais evidente nos indivíduos de ciclo longo. Árvores e arbustos antigos mostram formas, texturas e cores tocantes, constituem nichos ecológicos únicos e valiosos, retêm e evocam histórias, factos e lendas que nos enriquecem o imaginário.

Nada permanece como no início, pois essa é a condição do tempo biofísico dirigindo a transformação do espaço e das plantas; a dinâmica do jardim sucede, evoluindo de uma fase herbácea inicial, passando por uma fase arbustiva intermédia até a um estágio arbóreo maduro, mais estável e de maior porte. Neste, as copas filtram o sol ensombrando o solo com folhagem, ramos e folhada; espaço, luz e vistas retraem ou cessam enquanto que um sub-bosque umbrófilo prolifera.

É vital refletir sobre a manutenção dos pressupostos iniciais, confrontar novas visões e constatar novos valores que podem adicionar outras possibilidades de fruição e contemplação

ao lugar. Identificar claramente o caráter matricial que se quer perpetuar em cada jardim é fundamental: se é de buxo e flor melhor que tenha sol; se é formal melhor que seja regularmente talhado; se tem boas vistas que estas se mantenham abertas; se as boas vistas se degradam melhor que sejam tapadas; se veios e fontes naturais de água são cortadas resultado de transformação do subsolo na proximidade talvez ainda se possa instalar compensação com fornecimento artificial de água mas ... se a ocupação limítrofe modificar tanto, tornando-se invasiva e hostil... aí o jardim pode perder definitivamente o sentido, a razão de existir; sem água, sem vistas, sem luz, sem contexto, sem espaço de mitigação

envolvente... um resto no seio de uma nova paisagem desconexa... apenas lhe resta cessar.

Mas haja luz, e água, e solo, e o jardim continua a sua evolução, sempre requerendo intervenções rotineiras que nunca podem parar (o abandono é das maiores ameaças para a coisas vivas); assim, regularmente e a custos controlados, limpo, corto, aparo, semeio, mondo, rego, podo, adubo, escarifico, sacho; ocasionalmente planto, replanto, repico e retancho; raramente e pontualmente, infraestrutura, recrio, abato, modifico, transformo. No jardim histórico tento nunca interromper a corrente da narrativa do passado; tento nunca destruir.

Paulo Farinha Marques

Professor associado de Arquitetura Paisagista na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Portugal.

Formou-se em Arquitetura Paisagista no Instituto Superior de Agronomia – Universidade Técnica de Lisboa (1988) e doutorou-se na Universidade de Sheffield, Faculty of Architectural Studies (UK), também em Arquitetura Paisagista (1999).

Desde 1996 tem combinado a docência com a elaboração de projetos de arquitetura paisagista a várias escalas. As suas áreas principais de interesse são o ordenamento e desenho de estruturas verdes do ponto de vista ecológico, social e estético (jardins, parques e matas de recreio, corredores verdes) o estudo da vegetação na paisagem, o estudo da biodiversidade urbana e a avaliação do carácter da paisagem. Tem publicado sobre estrutura verde, biodiversidade e paisagem, bem como tem desenvolvido projetos de execução de arquitetura

paisagista, os quais têm sido maioritariamente implementados. Acredita na liberdade, no conhecimento, na equidade, na diversidade e no belo. Atualmente participa na gestão de uma paisagem intrincada, diversa e bela: o Jardim Botânico da Universidade do Porto.

pfmarque@fc.up.pt

www.paisagem.pt

Gestão e manutenção de jardins históricos

5. Parques de Sintra: planos de manutenção, gestão, conservação e restauro

Nuno Oliveira

Em 2000 a Parques de Sintra Monte da Lua (PSML) recebeu para gestão as mais importantes propriedades públicas na área da Paisagem Cultural de Sintra. Entre elas, destacam-se o Parque e Palácio da Pena, Parque e Palácio de Monserrate, Castelo dos Mouros, Convento dos Capuchos e, em 2012 o Palácio Nacional de Queluz.

Nestes últimos 18 anos, a PSML dedicou um grande esforço e investimento em investigação, formação, recuperação, manutenção, valorização e sensibilização patrimonial com o objetivo de efetuar intervenções de conservação e recuperação, devidamente fundamentadas e apoiadas por um corpo técnico e operacional multidisciplinar e com competências próprias.

O exercício de gerir e manter Parques e Jardins de considerável dimensão é particularmente complexo e exigiu a adequação de meios e de metodologias, sendo que a compreensão profunda do significado cultural de cada espaço através de uma investigação

sistemática e as operações de manutenção, entendidas de forma “dinâmica” e com adesão ao “saber fazer” se têm revelado como os aspetos mais determinantes para a conservação da autenticidade dos Jardins e Parques de carácter histórico sob nossa gestão.

O desenvolvimento de Planos de Gestão revelou-se, neste contexto, como uma ferramenta particularmente relevante para garantir uma evolução menos

traumatizante e com menor investimento.

Este longo percurso é, assim, sinónimo de experiências diversificadas e este é o testemunho que nos propomos partilhar neste encontro.



Nuno Oliveira

Licenciado em Engenharia Florestal pelo Instituto Superior de Agronomia (2000) e membro da Ordem dos Engenheiros. Possui também uma pós-graduação em Recuperação de Parques, Jardins Históricos e Paisagens Culturais, pela Escola Técnica Superior de Arquitetura da Universidade Politécnica de Madrid (2011).

Desenvolve funções, desde abril de 2008, na área de Património Natural da Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A. Iniciou o trabalho na empresa com Técnico Florestal e é atualmente Diretor Técnico para o Património Natural. Responsável pelo planeamento e gestão do Departamento, através da implementação do plano anual de atividades, onde se inclui a coordenação de vários projetos de investimento (restauro de parques e jardins históricos, renaturalização de áreas florestais, acessibilidades, atividades educativas, entre outros), da manutenção das áreas de parques, jardins e

florestas, bem como das equipas técnicas e campo.

Entre outras funções, foi Diretor Técnico da Logística Florestal (2003-2008) e Técnico Florestal da AFLOPS – Associação de Produtores Florestais (2000 a 2003).

Participou como orador em várias conferências e workshops nacionais e internacionais.

Membro do Júri dos prémios “Garden Heritage in Europe” e Best Development of a Cultural Landscape with relevance for Europe’s Cultural Heritage, atribuídos pela European Garden Network EGHN.

nuno.oliveira@parquesdesintra.pt

www.parquesdesintra.pt

Gestão e manutenção de jardins históricos

6. A Quinta Real de Caxias: desafios, problemas e soluções

Rodrigo Alves Dias

Antiga propriedade da Casa do Infantado, a Quinta Real de Caxias, com o Jardim da Cascata e o Palácio, é construída ao longo de vários anos, com início na primeira metade do séc. XVIII, pela mão do infante Francisco de Bragança, mas a principal campanha de obras é promovida pelo rei consorte D. Pedro III e pela Rainha D. Maria I no período pós terramoto de Lisboa 1755, e é contemporânea das obras

de transformação de Queluz em Palácio Real, constituindo um seu prolongamento à beira da Barra e do Estuário do Tejo.

A Quinta é dominada pelo edifício da monumental Cascata, que se desenvolve em três andares com corpo central encimado por um pavilhão miradouro e acompanhado por inédito grupo escultórico do Banho de Diana da autoria de Machado de Castro, onde se desenha o jardim hermético de topiaria de buxo, sofre ao longo dos séculos várias fases de mutilação e até de abandono, dividida pelo Ministério da Guerra e da Justiça por decreto de D. Manuel II em 1904, classificada como Imóvel de Interesse Público em 1953, mas manteve até

hoje a essência do seu projeto setecentista.

Com o protocolo estabelecido entre a Camara Municipal de Oeiras e Estado-Maior do Exército em 1986 e a seleção como projeto piloto de reabilitação no Ano Europeu dos Jardins Históricos em 1993, e com a abertura ao público em 1997 abriu-se uma nova era para a Quinta Real de Caxias com um inesperado envolvimento e investimento autárquico.

O projeto e a obra, a gestão e a manutenção do jardim, dos seus edifícios e sistemas hidráulicos, foram um verdadeiro balão de ensaio, uma escola de aprendizagem e campo para o desenvolvimento de técnicas e processos de reabilitação de jardins

históricos, que importa transmitir e partilhar.

Novos desafios se perfilam com a dinâmica socio cultural económica e urbanística, do Estuário do Tejo e da Área Metropolitana de Lisboa, e a Quinta Real está no centro das novas propostas do Ministério das Finanças para concessões de património nacional para hotelaria e turismo. Será que tem capacidade de resiliência e de adaptação...? Muitas questões e sugestões podem ser formuladas...

Rodrigo Alves Dias

Arquitecto paisagista com um percurso de 36 anos de pesquisa e investigação das paisagens, jardins históricos e quintas de recreio portuguesas.

Investigação e reabilitação da Quinta de Recreio do Marquês de Pombal (Vila de Oeiras, séc. XVIII), com publicação de dois livros e inúmeros ensaios.

Coordenação dos trabalhos de recuperação do Jardim da Cascata da Quinta Real de Caxias (séc. XVIII), no âmbito do Ano Europeu dos Jardins Históricos (1993), com abertura ao público em 1997. Publicação de inúmeros ensaios e trabalho de investigação.

Estudos e pesquisa sobre os jardins do Palácio Fronteira (Lisboa, séc. XVII) com tese sobre a localização do antigo labirinto e do “giardino segreto” publicado na Revista Monumentos (1997).

Departamento de Planeamento e Gestão Urbanística da Câmara Municipal de Oeiras desde 1979, projetos e estudos da

estrutura verde e património paisagístico.

De 1990 a 1995 no Leal Senado de Macau, a convite do Governo, projetos e obras na estrutura verde urbana e investigação sobre os jardins históricos.

Investigador da FCT, integra desde 2012 a Universidade Lusíada no ILID-CITAD - projeto de investigação - “ESTEJO”-Paisagem Cultural das Quintas do Estuário do Tejo

Doutorando na Universidade de Delft – Holanda - “Portuguese Historical Gardens – Quintas of Lisbon and the Tagus Estuary – a cultural landscape”.

rard16@hotmail.com

À conversa no jardim da Casa dos Condes de Santar e Magalhães

7. Passeio-debate com proprietários, oradores, gestores e projectistas

José Luís Vasconcelos e Sousa

Pedro Vasconcelos e Sousa

Fernando Guedes

Miguel Coelho de Sousa

Nuno Oliveira

Nuno Proença

Paulo Farinha Marques

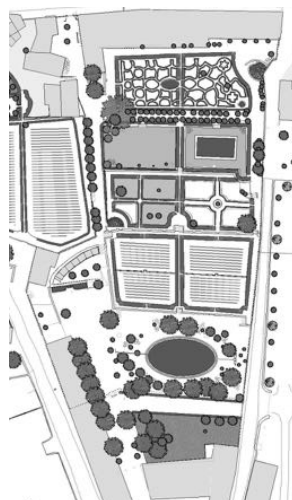
Rodrigo Alves Dias

Sónia Talhé Azambuja

Susana Morais

Teresa Andresen

Teresa Chambel



Fernando Caruncho & Associados S.L

SANTAR GARDEN VILLAGE

Jardim da Casa dos Condes de Santar e Magalhães

Plano Geral | Jul. 2018.





2ª SESSÃO

Évora, 22 Mar. 2019

*O jardim do Sul de
Portugal, a
manutenção do
património vegetal e a
conservação e restauro
do património
construído*



PRIMAVERA 2019
AJH PELO ALENTEJO

Fundação Eugénio de Almeida
Évora

22 · 23 MARÇO 2019

**2ª AÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO
E CAPACITAÇÃO DE GESTORES
E PROPRIETÁRIOS DE
JARDINS HISTÓRICOS**

VOLTA DAS QUINTAS

2ª SESSÃO

Évora, 22 Mar. 2019

O jardim em Portugal

1. A essência do jardim do Sul de Portugal
(Aurora Carapinha)

O jardim enquanto património

2. Património vegetal: acções sobre a vegetação na recuperação de jardins e espaços classificados
(João Ceregeiro)

3. Património construído: tipologias, materiais e técnicas de conservação e restauro
(Vasco Martins da Costa)

4. Património construído: a cal aérea na conservação e restauro
(Ilya Semionoff)

À conversa nos jardins da Fundação Eugénio de Almeida

5. Passeio-debate com os intervenientes pelos jardins das Casas Pintadas e do Paço de São Miguel

O jardim em Portugal

1. A essência do jardim do Sul de Portugal

Aurora Carapinha

Todo o jardim é reflexo do lugar onde se inscreve. O lugar compreendemo-lo na sua dimensão geográfica e histórica. É na tessitura destas dimensões que todo o jardim se desenha. O estudo e o conhecimento de qualquer jardim deve-se então alicerçar numa aproximação geográfica e histórica do lugar onde o jardim se inscreve. Contudo essa aproximação será incompleta se não a enquadrarmos numa dimensão emotiva.

A especificidade do jardim na cultura portuguesa resulta, assim, da relação íntima que se estabelece entre um tempo, um espaço e uma relação emotiva com as diversas materialidades que constroem um jardim.

A essência do jardim do Sul de Portugal não é diferente da essência do jardim do Norte. O que os diferencia é mais os tempos em que foram construídos e as geografias que os recebem porque a emoção que os desenha é a mesma a Norte e a Sul. Ambos se filiam na cultura mediterrânica que informa a nossa cultura.

No Sul a escassez dos recursos, sobretudo da água, a intensidade da luz, a pobreza dos materiais de construção determinam: que as

estruturas hidráulicas adquiriram uma enorme expressão no desenho dos jardins; que o jogo de luz e sombra seja mais vibrante e mais aromático; que a cal, a pintura a fresco ou o azulejo tornem o espaço mais risonho.

Aurora Carapinha

Doutorada em Artes e Técnicas da Paisagem (Universidade de Évora, 1996). Professora Auxiliar do Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento. Diretora do curso de Doutoramento em Artes e Técnicas da Paisagem da Universidade de Évora. Investigadora do Centro de História de Arte de Investigação Artística.

aurora@uevora.pt



O jardim enquanto património

2. Património vegetal: acções sobre a vegetação na recuperação de jardins e espaços classificados

João Ceregeiro

A vegetação e a sua situação geral nos jardins.

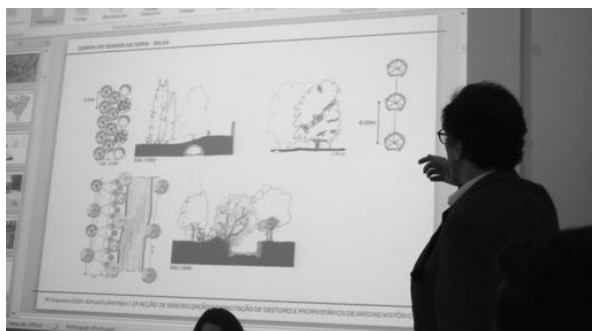
A vegetação como material de trabalho no processo de recuperação

da paisagem e sua relação com o meio envolvente.

O diagnóstico e as tomadas de decisão prévias e a avaliação dos impactos sobre o material vegetal.

O projecto, medidas e opções em obra.

A vegetação e as normativas de recuperação do património arquitectónico.



João Ceregeiro

Arquiteto Paisagista com atividade no sector público e privado, nacional e internacionalmente. Participou no Programa de Recuperação de Jardins Históricos no âmbito do protocolo estabelecido entre o Instituto Português do Património Cultural (IPPC) e a APAP em 1988 tendo mantido atividade até 1993. Sócio fundador e gerente da empresa Ceregeiro – Arquitectura Paisagista e Consultoria Ambiental, e da Outdoor Partners, membro fundador da Associação de Defesa dos Espaços Verdes de Lisboa - Lisboa Verde. Coordena trabalhos de Ordenamento do Território, sócio da Associação In.Cidades, participa em conferências, seminários e exposições e é, atualmente, Vice-Presidente da Associação Portuguesa de Arquitetos Paisagistas.

joao@ceregeiro.com

www.ceregeiro.com

O jardim enquanto património

3. Património construído: tipologias, materiais e técnicas de conservação e restauro

Vasco Martins da Costa

construídos, como parte das acções de protecção e salvaguarda.

Identificação dos materiais mais frequentes e das ameaças à sua integridade estrutural e funcional. Destaque para a importância da qualidade das argamassas e identificação das patologias mais frequentes, suas causas e soluções.

Os Jardins Históricos.

Breve percurso, desde a sua importância e valor às intervenções de conservação e restauro, dos elementos



Vasco Martins da Costa

Licenciado em Engenharia Civil pelo Instituto Superior Técnico de Lisboa, foi Director-Geral da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) desde 1989 até 2007; Realizou a “Sétima Conferência Internacional para o Estudo e Conservação da Arquitectura de Terra”, em cooperação com o Município de Silves em Outubro de 1993; Representou Portugal no “Euromed Heritage Programme” - arquitectura tradicional no espaço mediterrânico em 1999; Participou do Grupo de Trabalho organizado pela UNESCO para a “Autenticidade e Integridade das Cidades Históricas” - Nara, Japão em 1999; Docente dos Cursos ARIS 2003, 2005, 2007 e 2009 - Architectural Records, Inventories and Information Systems for Conservation, curso organizados pelo ICCROM e Getty Conservation Institute; Corresponsável pela implementação do projecto RUA – Reabilitação Urbana e Arquitectónica, no ISCTE;

Membro do Conselho de Administração do INH de 1986 a 1989. Foi presidente da Direcção da Associação InCIDADES, da qual é presidente da Mesa da Assembleia-Geral.

vascomartinscosta@gmail.com

O jardim enquanto património

4. Património construído: a cal aérea na conservação e restauro

Ilya Semionoff

Jacques Atalli, economista e filósofo francês, na sua reflexão diz que a busca do Homem por uma certa imortalidade tende a materializar-se no objecto construído. Os Jardins resultam igualmente dessa busca, sendo expressão da comunhão entre o Homem e a Natureza e estão intimamente ligados com o Património construído.

A experiência ao intervir no Património permite

uma análise correlativa entre o estado da pré-existência e as patologias construtivas, para assim se definir metodologias de intervenção. Desta análise, verificamos que existem dois grandes tipos de Património a ser hoje reabilitado: ou não é intervencionado pelo menos nos últimos 70 anos (pós II Guerra Mundial); ou sofreu uma intervenção recente no final do século XX ou por volta de 2010.

Neste último, da análise das patologias associadas, é possível encontrar uma tipologia de intervenção com sistemas de argamassas à base de cimento tipo *Portland*, cal hidráulica, ou ainda sistemas bastardos, bem como a aplicação de tintas plásticas. São visíveis os resultados

desta intervenção: pouca durabilidade e aceleração da degradação do suporte.

Por esse motivo, torna-se relevante reflectir: como intervimos na Recuperação, Restauro ou Consolidação dos Jardins Históricos? Qual a metodologia e qual o comportamento dos materiais? Na intervenção e escolha destes, as Argamassas de Cal Aérea em Pasta e sistemas integrados distinguem-se dos restantes produtos por cinco motivos

principais: Durabilidade; Elasticidade; Reacção e Comportamento; Relação com a Água; e Estética.

As Argamassas de Cal Aérea em Pasta conferem uma mais valia na intervenção no Património pois são materiais adequados ao comportamento dos elementos construtivos e deste modo, a recuperação dos Jardins e Sítios Históricos pode ser feita em simbiose com a própria natureza.



Ylia Semionoff

Arquitecto licenciado em Urbanismo e Arquitectura Bioclimática pela Universidade de Paris La Vilette. Entre 2009-2012 criou a “Silhar”- Atelier de Arquitectura e Arqueologia, Lda; e fez parte da direcção do GAAC - Gabinete de Arte e Arqueologia do Centro entre 2007-2010. No Atelier de Arquitectura “Ilya Semionof, Lda” o seu trabalho é marcado por inúmeros projectos de reabilitação, recuperação e valorização do património, com a preocupação de utilizar materiais que respeitem e sejam compatíveis com a construção existente, como a cal aérea. Entre os projectos destacam-se: a reabilitação da Casa da Porta Nova, em Coimbra, que, em 2006, teve menção honrosa no Concurso Nacional de Arquitectura “Alexandre

Herculano”; em 2008, a reabilitação de um edifício, ligado à produção de azeite, onde se instalaram os Estúdios Zed Im, em Cernache; em 2014, o projecto de Agroturismo para a Quinta de Santa Marinha, Alijó; e em 2015, a reabilitação do Original Douro Hotel, Peso da Régua. Actualmente, tem em desenvolvimento o Projecto de Reabilitação, Conservação e Ampliação do Seminário Maior de Coimbra.

ilyasemionoff@gmail.com

www.ilyasemionoff.com

À conversa nos jardins da Fundação Eugénio de Almeida

5. Passeio-debate pelos jardins das Casas Pintadas e do Paço de São Miguel

Rui Carreteiro (FEA)

Aurora Carapinha

Ilya Semionoff

João Ceregeiro

Miguel Coelho de Sousa

Teresa Andresen

Vasco Martins da Costa

Representação de uma possível planta, baseada em descrições por Hélder Carita in "Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal". Extraída da Memória Descritiva do Projecto de Arquitectura Paisagista referente à Recuperação do Paço de S. Miguel (Coord. Isabel Martinho da Silva | CIBIO | ICETA | FCUP | Junho 2010)





3ª SESSÃO

Ponte de Lima,

9 Ago. 2019

*A preparação para a
abertura do jardim
histórico ao público*



**ABRIR UM JARDIM
HISTÓRICO AO PÚBLICO:
PREPARAÇÃO E INFRA-ESTRUTURAÇÃO**

3ª AÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO
E CAPACITAÇÃO DE GESTORES
E PROPRIETÁRIOS DE
JARDINS HISTÓRICOS

VOLTA DAS QUINTAS

**Museu de Terceiros e Casa de Aurora
Ponte de Lima**

9 · 10 AGOSTO 2019

3ª SESSÃO

Ponte de Lima,

9 Ago. 2019

O jardim em Portugal

1. A essência do jardim do Sul de Portugal (Aurora Carapinha)

A infraestruturação

1. A preparação do acolhimento dos visitantes num jardim histórico (Manuel de Carvalho e Sousa)

A visitação

2. Conteúdos de uma visita guiada a um jardim histórico (Teresa Portela Marques)

3. A narrativa das plantas numa visita guiada a um jardim histórico (Paulo Farinha Marques)

À conversa no jardim da Casa de Nossa Senhora da Aurora

5. Passeio-debate com proprietários, oradores, gestores e projectistas

A infraestruturação

1. A preparação do acolhimento dos visitantes num jardim histórico

Manuel de Carvalho e Sousa

O Jardim para poder ser visitado terá que estar num adequado estado de conservação, pelo que em algumas situações é necessário fazer a sua recuperação e a sua preparação para o acolhimento dos visitantes.

O Jardim Histórico é uma obra de arte, composta por estruturas materiais, inertes e vegetais. Este jardim requiere rotinas de manutenção adequadas para cada um dos tipos de

materiais, que assegurem a longevidade das estruturas, dos equipamentos e a forma e a sanidade do material vegetal.

O Jardim Histórico terá que ser um local seguro para os visitantes, ao nível das escadas, dos muros e dos pavimentos, em que o risco de queda seja minimizado.

Para que o conforto do visitante seja assegurado, o circuito de visita deverá, sempre que possível, passar sob pérgulas, ramadas ou latadas e caramanchões.

O Jardim deverá estar equipado com a sinalética adequada, bancos, papeleiras e caixotes de reciclagem. A sinalética deverá incluir a proibição de fumar, de cortar, partir ou arrancar plantas, entre outras que se ache

relevante para a boa manutenção do jardim.

O Jardim deverá estar dotado de estacionamento, de um local de receção e de sanitários, podendo ter, de forma complementar, outros equipamentos, como casa de chá, enoteca, bar, restaurante, museu, entre outros.

O Jardim deverá ter percursos de visitação definidos, podendo ter ou não visitas guiadas, ter animação e a promoção adequada.

Manuel de Carvalho e Sousa

Licenciado em Arquitetura Paisagista pela Universidade de Évora. Mestre em Património e Turismo pela Universidade do Minho.

Docente do Ensino Superior no Instituto Politécnico de Viana do Castelo e no Instituto Superior de Administração e Gestão, no Porto.

Embaixador da World Urban Parks em Portugal.

Membro do Júri do Festival Internacional de Jardins de Ponte de Lima. Membro da Direção da TURIHAB – Associação Nacional de Turismo de Habitação. Membro da Direção da AJH - Associação Portuguesa de Jardins Históricos.

arq.carvalho.sousa@gmail.com



A visitação

2. Conteúdos de uma visita guiada a um jardim histórico

Teresa Portela Marques

Um jardim é um mundo. Percorrê-lo e admirá-lo, numa visita guiada, é um convite a desvendar a sua história e as estórias dos que o construíram e plantaram, dos que o fruíram e renovaram, dos que ainda o mimam e partilham. O jardim é, também, acerca de um tempo, ou de vários tempos, de acontecimentos e momentos que o tornaram maior ou menor, dum estilo ou de outro, notado ou esquecido.

Um jardim é feito de muitas coisas, tangíveis e intangíveis, vivas e inanimadas. De sonhos, ideias e projetos, de esforço construtivo transformador, de artes e ofícios, de materiais perenes e efémeros, de construções diversas, de elementos estruturais e decorativos, de rochas, solo, água e vistas, e de seres e coisas que mal se veem. De plantas, mais ou menos variadas, vindas de lugares mais ou menos longínquos, escolhidas pelo gosto e novidade, pelas cores, usos e aromas, pelas formas e tamanhos, às vezes trazidas pelo vento ou pelos pássaros.

Uma visita é uma narrativa onde entram todas estas coisas. Pode ser organizada cronológica e

especialmente ou ter uma
ordem
predominantemente
temática. Conduzir uma
visita num jardim
histórico implica conhecer
a sua história e o seu
processo de evolução, o
seu contexto e aquilo que
lhe confere valor -
artístico, cultural,
botânico, ... - e carácter.

Teresa Portela Marques

Natural do Porto (1964). Licenciada em Arquitetura Paisagista pela Universidade Técnica de Lisboa (Instituto Superior de Agronomia, 1987), MPhil em Arquitetura Paisagista com tese na área da conservação dos jardins históricos (Universidade de Sheffield, 2001). Doutorada em Arquitetura Paisagista pela Universidade Técnica de Lisboa (Instituto Superior de Agronomia, 2010) com tese intitulada 'Dos jardineiros paisagistas e horticultores do Porto de Oitocentos ao modernismo na Arquitetura Paisagista em Portugal'. Docente nos cursos de Arquitetura Paisagista da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (1999-2005) e da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto (desde 2003/2004) onde é professora auxiliar.

Investigadora do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos (CIBIO/INBIO Laboratório Associado) da Universidade do Porto e da Fundação Instituto

Arquitecto José Marques da Silva, também da Universidade do Porto. A sua investigação desenvolve-se, fundamentalmente, no âmbito da história e crítica da paisagem, particularmente das paisagens que foram desenhadas no século XIX e primeiras décadas do século XX, assim como no domínio da conservação e recuperação de jardins e paisagens de valor histórico.

teresamarques@fc.up.pt

A visitação

3. A narrativa das plantas numa visita guiada a um jardim histórico

Paulo Farinha Marques

Ainda jovem li um livro de Nan Fairbrother (1913-1971) uma autora inglesa sobre temas de jardim e paisagem, que pragmaticamente afirmava: jardim é o lugar para crescerem flores.... Obviamente, tinham substância as suas palavras.

Pessoas menos versadas em jardins, a primeira coisa que nestes procuram quando os visitam são as flores; sem flores o jardim depara-se-

lhes incompleto, pobre, desatendido ...

Quando convidadas e estimuladas a ver um jardim rapidamente percebem que as flores são os órgãos mais importantes das plantas que sustentam a nossa vida e a nossa economia: estão base dos nossos alimentos, medicamentos, fibras e muitas outras substâncias que movem indústrias, laboratórios e futuros; muitas dessas substâncias que estão constantemente a ser descobertas.

As flores levam-nos a muitos geografias, ecossistemas, viagens e remetem-nos para tempos históricos em que o conhecimento de flores e frutos criou condições para a migração, sedentarização, expansão,

colonização, guerra e paz.
Tudo isto gerou
sociedades organizadas
que fizeram campos,
cidades e jardins que
atestam o nosso
conhecimento, a nossa
sofisticação e o nosso
refinamento.

E muitas das flores de
muitos frutos que nos
alimentam e salvam, só
vivem porque há
polinizadores; aqui são
histórias de abelhas e de
mel, de cera e de própolis
... e novamente de
questões existenciais
prementes, como a
poluição, o
envenenamento, a perda
de biodiversidade e a
quebra do ciclo da vida.
Sem polinizadores não há
flores; sem flores não
comida nem amores; sem
polinizadores não há
Jardim.

As flores são também
protagonista de paixão,
amor, oração e luxúria;
são declarações de belo e
de prazer, de
apaziguamento e
esperança; povoam
fantasias, símbolos,
romances, narrativas,
espetáculo e intimidades.
Aparecem em festas,
ritos, rezas e mitos, em
revoluções e ditos,
marcam o momento com
um prémio, uma
distingção.

Do ponto de vista mais
imediate, no jardim, são
especialmente
importantes as flores de
cores vibrantes, de
formas fortes, de
perfumes explícitos.

Os jardins podem ter
flores comuns, especiais,
raras, mas todas são
interessantes para serem
visitadas e sabidas. Há
flores que todos

conhecemos e de que vale a pena saber mais: há rosas, cravos, lírios, violetas, túlipas, narcisos, malmequeres, madressilvas, camélias, rododendros, azáleas, magnólias, lilases, buganvílias, jasmims, glicínias, estevas, giestas, papoilas ... todas têm cores, origens, modos de vida, épocas de floração, ficções ... mais científicas ou mais artísticas, todas inspiram e maravilham.

Mas as flores precisam de contexto e conjunto, de moldura para realçarem. Esse conjunto é a componente mais importante de um jardim, a que revela a organização e desenho do espaço e da sua estrutura verde. E neste contexto, uma das plantas mais importantes é o buxo, que não tem flores

evidentes, mas o enche o jardim de estrutura, significado e aroma.

Antigo e resiliente, apesar de atacado por muitas pragas, prevalece até aos nossos dias como bastião da cultura clássica e da relação profunda e artificial que a pessoa humana estabelece com a Natureza. Só o buxo, com o seu verde médio e meio brilho foliar, orla e orna o espaço, com solidez sustentável, fazendo sobressair as flores.

Bem postas, as flores num jardim podem sempre ser o mote para a sua apreciação, vivência e deleite, inspirando qualquer visita, de qualquer grupo, de qualquer idade.

Cada época tem as suas flores e as histórias que sobre estas podem ser contadas. Ninguém

resiste a uma boa história.
Contar histórias de flores
no jardim é como falar da
coisa certa no lugar certo.

Paulo Farinha Marques

Professor associado de
Arquitetura Paisagista na
Faculdade de Ciências da
Universidade do Porto,
Portugal
(pfmarque@fc.up.pt).

Formou-se em Arquitetura
Paisagista no Instituto
Superior de Agronomia –
Universidade Técnica de
Lisboa (1988) e doutorou-se
na Universidade de Sheffield,
Faculty of Architectural
Studies (UK), também em
Arquitetura Paisagista (1999).

Desde 1996 tem combinado
a docência com a elaboração
de projetos de arquitetura
paisagista a várias
escalas. As suas áreas
principais de interesse são o
ordenamento e desenho de
estruturas verdes do ponto
de vista ecológico, social e
estético (jardins, parques e
matas de recreio, corredores
verdes) o estudo da
vegetação na paisagem, o
estudo da biodiversidade
urbana e a avaliação do
carácter da paisagem. Tem
publicado sobre estrutura
verde, biodiversidade e
paisagem, bem como tem
desenvolvido projetos de
execução de arquitetura
paisagista, os quais têm sido
maioritariamente
implementados. Acredita na
liberdade, no conhecimento,
na equidade, na diversidade
e no belo. Atualmente
participa na gestão de uma
paisagem intrincada, diversa
e bela: o Jardim Botânico da
Universidade do Porto.

pfmarque@fc.up.pt

www.paisagem.pt

À conversa no jardim
da Casa de Nossa
Senhora da Aurora

5. Passeio-debate com proprietários, oradores, gestores e projectistas

Rosário Sá Coutinho

Manuel de Carvalho e Sousa

Miguel Coelho de Sousa

Paulo Farinha Marques

Teresa Andresen

Teresa Portela Marques





4ª SESSÃO.

Mateus, 8 Nov. 2019

*A rentabilização do
jardim histórico através
do turismo*

ROTA DOS JARDINS HISTÓRICOS
DE PORTUGAL (PROGRAMA VALORIZAR)

**ACÇÕES DE SENSIBILIZAÇÃO
E CAPACITAÇÃO DE GESTORES
E PROPRIETÁRIOS DE JARDINS
HISTÓRICOS**

Fundação da Casa de Mateus

Vila Real

8 NOVEMBRO 2019

4ª SESSÃO

Integrada na Conferência Internacional
TURISMO CULTURAL, PATRIMÓNIO
PAISAGÍSTICO E CRIATIVIDADE)



4ª SESSÃO.

Mateus, 8 Nov. 2019

Como tornar o seu jardim auto-sustentável

1. Exemplos de jardins
históricos abertos ao
público
(Sofia Barroso)

A visita de jardins históricos na rentabilização dos *pazos* *gallegos*

2. A Rota Galega da
Camélia
(Pedro Piñeiro)

Como tornar o seu jardim auto-sustentável

1. Exemplos de jardins históricos abertos ao público

Sofia Barroso

JARDINS VISITÁVEIS =
JARDINS RENTÁVEIS

A nossa presidente, Teresa Andresen, convidou-me amavelmente para fazer esta palestra sobre: **"Jardins históricos e como torná-los sustentáveis.** Espero que com a minha intervenção possa dar-lhes ideias úteis de como rentabilizar os vossos jardins e tornar a sua manutenção mais sustentável.

Segundo o grande paisagista espanhol e querido amigo, Fernando Caruncho: *"um jardim é uma recordação dourada da infância que nos dá a ideia de pertença e o sentido de estética"*. Os jardins da infância de Caruncho foram os da sua avó galega e o da sua avó andaluza. Neles conviveu por primeira vez com o Jardim Atlântico e o Jardim Mediterrâneo de influência "Hispano-árabe".

Faço esta referência para ressaltar a importância dos nossos jardins históricos privados dentro do nosso contexto cultural, emocional e estético. Os nossos jardins ibéricos são uma joia e temos que conseguir entre todos que cheguem às gerações futuras.

Há 33 anos que organizo visitas a jardins e, acima de tudo, a jardins privados, em toda a Península Ibérica para organizações estrangeiras. A primeira viagem de jardins que organizei foi em 1986 para a “**Massachusetts Horticultural Society**”. Fizemos uma viagem por Espanha, onde visitámos jardins pertencentes ao “Património Nacional”, mas sobretudo jardins privados, que pela primeira vez abriam as suas portas a este tipo de visita. Desde então, têm viajado connosco diversas instituições: **The Mediterranean Garden Society, Pacific Horticulture, University of California Botanical Gardens at Berkley, Longwood Gardens, Winterthur Museum and Gardens, Madoo**

Conservancy, Le Cercle Poliphile, entre muitas outras.

Durante estes 33 anos também viajaram connosco museus e fundações dedicados à Arte e ao Património. Também este tipo de instituições estava muito interessado em visitar jardins. Quando comecei este tipo de visitas, tive um trabalho difícil que foi convencer muitos dos proprietários a abrir os seus jardins, pagando-lhes a visita. Ao longo dos anos, a maior parte dos proprietários têm compreendido que é interessante para o jardim essa fonte de rendimento.

Vou-vos contar a minha experiência pessoal e como comecei a dinamizar e a pôr em valor os jardins da nossa

família, para que vos sirvam de exemplo ou de inspiração com vista à rentabilização dos vossos jardins.

Como detalhe pessoal, quero comentar-vos que a minha paixão pelos jardins veio através da minha avó materna, Carmen Marañón de Araoz, e os três jardins familiares que tinha: um em San Sebastián e outros dois em Toledo. No jardim de San Sebastián era onde passávamos o Verão rodeados de umas magníficas hortensias de um azul intenso e de vários tipos de flores para cortar para a casa. Foi a minha introdução aos jardins de clima atlântico e o princípio do meu amor pelo mundo do jardim. Este jardim desapareceu por causa do

grupo terrorista ETA e da impossibilidade de a família ir ao país basco. Na nossa família ficou um sentimento de perda, mas também uma bonita recordação.

Nos fins de semana do resto do ano e em parte das férias íamos para Toledo. Primeiro íamos para o “**Cigarral de los Menores**”. Aquando da morte da minha bisavó, viúva do ilustre Dr. Marañón, no ano de 1975, esta propriedade passou para o meu tio, Gregório Marañón, Marquês de Marañón, quem tem dinamizado e rentabilizado este jardim, que herdaram os seus sete filhos.

Este cigarral é um jardim renascentista que rodeia um antigo Mosteiro de “clérigos menores” que o meu bisavô, Gregório

Marañon, comprou em 1921, como consequência da “desamortização” das propriedades do Clero levada a cabo pelo ministro Mendizabal em 1835.

É um jardim à base de ciprestes, oliveiras, lilases, rosas antigas e com várias fontes e tanques, com a melhor vista para a cidade de Toledo, onde a “Cidade Imperial” se converte numa “Jerusalém radiante”.

www.cigarraldemenores.com

O meu tio Gregório conservou o jardim histórico e monacal, mas dotou-o de uma nova vida ao ampliá-lo e tornando-o auto-sustentável, trazendo-o para o século XXI.

A sua primeira mulher, a paisagista sevilhana María Medina, deixou a sua

marca, fazendo renovações no jardim histórico ao incorporar novas plantas, em especial rosas antigas. Posteriormente, o meu primo, o arquiteto e paisagista Gregorio Marañón Medina, fez alterações muito interessantes e ampliou-o.

Finalmente, o meu tio Gregorio dotou o Jardim de uma coleção de esculturas, como uma grande peça de Eduardo Chillida, uma fonte de Cristina Iglesias, uma peça de Manolo Paz, entre outras muitas obras de arte que lhe dão um maior interesse e valor. Com estas esculturas, este jardim histórico entrou no século XXI.

Mas o mais importante é que há alguns anos que este jardim está aberto ao

público, por marcação prévia.

Conscientes da importância do jardim e do lugar, e querendo dar-lhe continuidade com as seguintes gerações, deram-nos a gestão à Around Art para que organizemos visitas e outras actividades culturais durante os dias uteis, quando a família não está no Cigarral.

Converteu-se também a propriedade em fundação privada, protegendo-se assim a casa e os seus jardins para as futuras gerações. **Esta é uma forma de rentabilizar e manter o jardim**, sem que afete a vida pessoal e familiar dos seus proprietários.

Um segundo exemplo de dinamização mais ativa, e talvez mais invasiva para

os proprietários, é o que temos feito no segundo jardim familiar em Toledo: os jardins do **Palácio de Galiana**.

Os meus avós, Alejandro Araoz e Carmen Marañón, apaixonaram-se por uma “*Almunia Regia*” (pavilhão campestre de origem árabe), localizada nas chamadas “Huertas del Rei” (“Hortas do Rei”), nas margens do rio Tejo.

Conseguiram adquirir a propriedade em 1960 aos descendentes da Imperatriz Eugenia de Montijo, parentes da Casa de Alba. Com a ajuda do historiador Manuel Gómez-Moreno e do arquiteto Fernando Chueca-Goitia, restauraram a “*almunia*” e a minha avó Carmen projetou os jardins à base ciprestes, oliveiras, árvores de fruto, rosas

antigas, gerânios e hera, criando um espaço idílico à beira do Tejo.

Quando a minha avó morreu em 2005, o Palácio de Galiana foi herdado pela minha mãe e dois irmãos, todos já com uma certa idade avançada. Na seguinte geração somos 14 primos, muito poucos com interesse ou rendimentos para ser capaz de manter o jardim. Eu vi que este jardim poderia desaparecer em poucos anos.

Depois de muitas reuniões consegui convencer os meus familiares que a Around Art ficasse com a gestão desta propriedade e o seu jardim, para que fosse auto-sustentável. Desde 2015 essa gestão é feita pela minha filha, Sofia

Palazuelo, realizando eventos, casamentos, filmagens, almoços, etc. Criou-se uma sociedade para a sua exploração comercial. E conseguimos compatibilizar esta exploração com o uso familiar. A minha mãe, tios ou primos podem usar o jardim para usos pessoais, contanto que não haja nenhum evento nesse dia. Continuamos a ter casamentos da família, festas de anos e celebrações de Natal.

Com esta nova gestão, pudemos contratar um jardineiro muito melhor do que o anterior e uma empresa externa para a poda dos ciprestes. Após quatro anos, o jardim do Palácio de Galiana é auto-suficiente.

www.palaciodegaliana.es

Mas voltemos ao caso dos jardins históricos portugueses, que são muito semelhantes ao caso espanhol. Como valorizar e rentabilizar os jardins?; Como abri-los ao público sem perder a privacidade?; Como fazer com que os nossos jardins cheguem à próxima geração e que possam sustentá-los? Eu dei-lhe dois modelos de gestão que estão a ter êxito.

Pessoalmente, o modelo perfeito e ideal é o do **“The National Trust”** do Reino Unido. Teríamos de aspirar a poder ter na Península Ibérica um modelo que protegesse as casas e jardins históricos como fazem no Reino Unido há décadas. O *National Trust* foi criado em 1895 pelo governo inglês como uma fundação sem fins

lucrativos, com a visão de que com a industrialização e a mudança dos tempos, as casas e os jardins ingleses poderiam desaparecer. O *National Trust* trata da exploração, manutenção, divulgação e “merchandising” deste património. Neste momento, têm uma modalidade muito rentável: eles pagam aos proprietários por viver nestas casas históricas. Constataram que ao serem habitadas, as casas estavam mais bem conservadas, pagariam menos seguro e o número de visitantes era mais elevado.

Contudo, somos ibéricos e seria um milagre que conseguíssemos um *National Trust*. Ainda assim, é sempre para mim um modelo de inspiração.

O plano estratégico que vos proponho seria o seguinte:

1. Incluir os jardins históricos privados no **The European Network of Historic Gardens: ENHG**.

2. Que a Associação (AJH) crie um **site em inglês** onde figurem os jardins históricos visitáveis por regiões, com indicação dos dias de abertura, preços, etc. Este site poderia ser financiado pela União Europeia com a ajuda do programa Europa Nostra.
www.europanostra.org

3. Fazer um **mapa ou plano de Portugal** onde os jardins históricos aparecessem com um Código QR, para poder ter acesso nos telemóveis, ou outros dispositivos, informações de cada jardim. Esses mapas poderiam ser comprados

em postos de turismo, pousadas, hotéis e livrarias. O ideal seria encontrar um patrocinador para a sua realização e distribuição.

4. Publicar um bom **livro em inglês sobre jardins portugueses**, fácil de ler e pedagógico. Está demonstrado que os “tea table books” podem ser os melhores embaixadores. Os livros existentes sobre os jardins portugueses são principalmente para estudiosos, muito volumosos e em muitos casos estão esgotados. Poder-se-ia encontrar uma editora estrangeira ou um patrocinador para este projeto, que creio que seria muito bem-sucedido.

5. Conseguir ter um pequeno espaço em feiras

de turismo internacionais como a FITUR e outras.

6. Ter um **pequeno espaço** em **festivals de jardins** como o Chaumont-sur-Loire ou no Chelsea Flower Show, com material sobre os jardins históricos portugueses. Há um importante turismo de jardins.

7. **Criar rotas de jardim por regiões e temáticas.** Apresentar o projeto aos prémios Europa Nostra, que dão sempre muita visibilidade.

8. Convidar os responsáveis pelos guias Michelin, Guia Bleu, Lonely Planet, Guia Repsol, etc. a conhecer os jardins para incluí-los nas suas publicações. Esta **FAM Trip** poderia ser apoiada pelas delegações do Turismo de Portugal.

9. Organizar uma **boa sinalética** nas estradas, indicando os jardins visitáveis do lugar.

10. Localizar **empresas de filmagens e de “scouting”**, que estão sempre à procura de localizações únicas.

Como exemplo de uma rota muito bem-sucedida, que pode servir de exemplo, é a da **rota das camélias galegas**. Os diferentes “Pazos” com seus jardins que conformam esta iniciativa têm realidades diferentes. No entanto, todos tiveram a criatividade para rentabilizar os seus jardins através de visitas ao público, promovendo além do mais o seu vinho e criando produtos de merchandising exclusivos, como chá ou, óleo de camélias, águas de colónia, etc.

Quem melhor que Pedro Piñeiro, dono do Pazo de Quintero da Cruz, para contar a sua experiência desta interessante realidade.

Muito obrigada pela vossa atenção.



Sofia Barroso

Presidente e proprietária da Around Art SL, empresa que desde 1984 organiza viagens para diretores e patrocinadores mais eminentes de museus americanos e europeus em torno da arte espanhola e portuguesa. Também organiza passeios pelos jardins de Portugal, Espanha e Marrocos para importantes instituições americanas no mundo dos jardins e da botânica. É licenciada em História de Arte pela Universidade Complutense de Madrid. Desde 2016 faz a gestão e comercializa o castelo e jardins do Palácio de Galliana em Toledo.

Organizou viagens para a American Horticultural Society, a Massachusetts Horticultural Society, a Pacific Horticultural Society, a Mediterranean Garden Society, a University of California Jardins botânicos de Berkeley, a Madoo Conservancy, a Garden Conservancy of America, a Cultural Landscape Foundation, o Clube dos Bons Jardins (Algarve), Les

Amateurs du Jardin, Hortibus, Le Cercle Poliphile, entre outros.

Faz parte do Conselho de diversas instituições. É Diretora do Programa Internacional de Colecionadores da ARCO Madrid desde 1993 e membro da Junta de Amigos da ARCO de 2000 a 2006, da Europa Nostra, e Hispania Nostra.

sofia.barroso@aroundart.es

<http://www.aroundart.es>

**A visita de jardins
históricos na
rentabilização dos
pazos gallegos**

2.A Rota Galega da Camélia

Pedro Piñeiro

En España, son abundantes los jardines que tienen inspiración griega, romana o árabe, pero este tipo de influencias no llegaron a Galicia. Los jardines gallego tienen su origen en los jardines de los monasterios medievales (Herbón, San Martín Pinario, Osera, Samos, Celanova, Armenteira...) que contaban con claustros con jardín y grandes huertas donde cultivaban especies

ornamentales, medicinales y para la alimentación y consumo del propio monasterio; así como cultivaban la vid de la que obtenían el vino tan ligado a la cultura monacal.

Probablemente los jardines de claustros monacales se inspirasen en "los hortus de villas romanas" con la desamortización del siglo XIX se perdieron la mayoría de estos hortus y jardines al abandonarse los monasterios.

El verdadero origen de los jardines gallegos se debe a la iglesia, monasterios y posteriormente a la nobleza que en sus pazos residenciales creó jardines. Aunque en Europa hubo gran influencia renacentista con jardines de trazado

geométrico y elementos decorativos como fuentes, estatuas, columnas y también influencia del barroco tan desarrollado en Francia con espacios geométricos simétricamente diseñados con grandes avenidas y especies de flor dentro de macizos acotados y también los jardines paisajistas ingleses tratando de imitar la naturaleza con ríos, estanques y puentes.

Pero no será hasta el siglo XVIII época del barroco, cuando en Galicia se empiezan a crear los jardines de los pazos. Estos jardines pacegos tienen muchas veces inspiración francesa o inglesa mas natural y siempre de manos de la nobleza o alta burguesía. Los pazos son grandes casas señoriales en el

rural gallego, y siempre con una finca amurallada cerrando así una zona de bosque, prados, cultivos agrícolas, viñedos y son los herederos de las fortalezas medievales que dejaron el uso defensivo por el agrícola, ganadero, de recreo y creándose amplios jardines alrededor de la casa y zona de capilla.

Los pazos van adaptando sus jardines a la zona de su ubicación, así es muy clara la jardinería más sobria en pazos de provincias de Lugo, Orense, en diferencia con la gran diversidad de flora de jardines de provincias de la Coruña o Pontevedra, donde se da gran importancia a zonas ajardinadas con zonas de influencia francesa e inglesa y con gran introducción de plantas

de distintos países y continentes, muchas veces fruto de la inmigración. La inmigración a América en el siglo XIX y XX fue muy importante y esto provocó que se trajeran muchas plantas para crear hermosos jardines.

Los pazos son verdaderas residencias señoriales(con casas blasonadas, capilla, palomar y zonas con plantaciones y edificaciones de uso agrícola, así como viñedos, bodegas y amplias zonas ajardinadas) que atesoran importantes valores arquitectónicos, paisajísticos y botánicos y donde la geología y edafología como también la climatología de la zona tendrá una clara influencia en la forma de

los jardines gallegos, siendo el agua con sus fuentes, ríos y regatos pequeños (como decía la poetisa Rosalía de Castro), esenciales en estos vergeles.

El agua siempre esta presente en la jardinería, y es una constante en los pazos gallegos con sentido utilitario, pero integrado en el jardín en forme de puentes, rías, estanques, cascadas, pozos siendo un gran reclamo para la zona ajardinada; a veces los estanques acompañadas de plantas acuáticas, grandes helechos, peces, cisnes....

Los jardines gallegos pacegos poseen gran número de especies botánicas autóctonas y

foráneas, con gran abundancia de plantas subtropicales y de floración estival, pero nunca faltan las camelias, hortensias, azaleas, rododendros y el boj, tanto como setos en parterres o como elementos aislados o cierre de gran antigüedad y tamaño. Las camelias son las grandes protagonistas del invierno gallego, se cultivan unos 2000 cultivares de varias especies e híbridos y están presentes en todos los jardines de los pazos, jardines públicos, espacios públicos y privados. La camelia con toda seguridad llegó a Galicia procedente de Portugal a finales del s. XVIII .aunque también vinieron de otros países como Bélgica, Francia, Inglaterra, Italia y mas recientemente de

Vietnam, China, California, Nueva Zelanda y Sudáfrica.

En Galicia hay camelias muy antiguas, ya con 300 años, como el Pazo de Ortigueira, Lens o de Oca y se dice que la camelia reticulata mas antigua de europa esta en el Pazo de Oca y la sasanqua mas antigua en Torres Agrelo. En Galicia, la camelia es la flor de las rías bajas, y se celebran cada año importantes muestras y exposiciones sobre camelias.

Existe en Galicia y también dependiente de la Diputación Provincial el centro experimental de Areeiro, estación fitopatológica que quizás sea el mejor centro de investigación de camelias del mundo, y donde ademas de muchas

especies botánicas distintas, poseen una gran colección de camelias, alrededor de 3000 plantas de 900 cultivares. Asimismo existen en Galicia muchos jardines paguecos y muchos de ellos forman parte de la ruta de la camelia, gran iniciativa que desde turismo de la Xunta de Galicia se lleva a cabo y que cada vez tiene más aceptación con visitantes a estos jardines tanto públicos como privados abiertos al público, visitándose por aficionados del todo el mundo. En Galicia existen algunos jardines galardonados con la distinción de jardín de excelencia internacional de camelias (ICS), como el jardín de Sotomayor, Rubianes, Saleta y Quinteiro da Cruz.

En los jardines paguecos además de las ya citadas camelias, rododendros, azaleas y hortensias existen otras especies como: Tilos, Liriodendros, Castaños de Indias, Laurel real, Bouganvillia, Glicineas, Cordilines, Coníferas, Naranjos, Gardenias y mucha flora oriental y americana: Sequoias, Palmeras, Ombúes, Araucarias, Cipreses de Lawson, Tejos, Ginkgo, Tuyas, etc.....

Excepcionalmente existe en Betanzos un parque de inicios del siglo XX de diseño del renacimiento italiano "Parque dos Pasatempos" que con fin didáctico y recreativo es el exponente de jardín indiano con muchas construcciones monumentales de

diferentes países y flora americana. En la tendencia actual de jardines gallegos coexisten las citadas jardinerías de de estilo francés geométricas con el estilo inglés paisajista y el italiano ecléctico, con los mas novedosos minimalista, japones, vertical o urbano y jardines de altura.

Los jardines históricos mas destacados en Galicia son entre otros los de los Pazos de Mariñan, Santa Cruz de Rivadulla (Ortigueira), San Lorenzo de Trasouto, Faramello, Oca, Fefiñanes, Rubianes, Lourizan, Quintero da Cruz, Saleta Soutomaioir o Gopelleira y Quiñones de León. También existen Alamedas ajardinadas como las de Santiago de

Compostela, Caldas de Reis y Padrón.

En el siglo XIX y XX renace en Galicia el termalismo ya datado de época de griegos y romanos, y se construyen balnearios termales con jardines paisajísticos y geométricos como en balnearios de Caldas, Mondariz, Cuntis o Guitiriz y Carballino.

Dentro de los jardines históricos de Galicia existen grades ejemplares vegetales como en el Pazo de Oca con singular avenida de Tilos, Boj, Cryptomeria y Camelia reticulata de porte monumental, en la Alameda de Caldas hay una gran Araucaria de Brasil y una Cunninghamia de 30 metros, en

Fefiñanes una Washingtonia robusta de 23 metros ,La Saleta con gran cantidad de flora australiana introducida por Robert Gimson, Lourizan con Metasequoias y Cedros Libano de gran tamaño, Rubianes con Eucaliptus y Alcanfores antiguos, Quinteiro da Cruz con gran Araucaria de Brasil y avda de Boj senlleiros y enormes Pinus y la Radermachera y madroños mayores de Galicia, Tipuana y magnífica colección de camellias mas de seis mil plantas de camellia de 700 cultivares diferentes y mas de 200 hibridos de diversos paises y 72 especies diferentes de camellias, siendo jardín de excelencia internacional de ICE.

En Torres Agrelo podemos admirar la gran camellia sasanqua y Thuya picata de 17 metros.

La ruta de la Camellia de Galicia

A finales de 2006 nace la ruta de la camellia de Galicia que componen doce jardines algunos públicos y otros privados. Gracias a la experiencia de Turgalicia (Xunta de Galicia) y de Concellos y propietarios privados de jardines, se hicieron por parte de Turismo de Galicia campañas de promoción por diferentes ciudades de jardines con camellias y de esta flor por diferentes ciudades de España, Europa y Estados Unidos donde se realizaron presentaciones

a la prensa europea y operadores turísticos sobre el interés de estos jardines, creando una ruta de jardines que trajeran a Galicia una multitud de visitantes de muchos países atraídos por esta bella flor y en épocas de desestabilización turística para las zonas, pues de Noviembre a Mayo, que es el momento de mayor afluencia turística por la abundante floración de camellia, no solapa con otros atractivos de Galicia.

En 2015 se colocaron letreros para llegar a los jardines (siendo la primera ruta de jardines señalizados de España).

La Ruta de la que forman parte doce jardines: Castrelos, Sotomaior, La

Saleta, Rubianes, Casa de Rosalia de Castro, Pazo de Oca, Santa Cruz de Rivadulla, Mariñan Lourizan, Pazo Quintero da Cruz, Castro de Vigo y Quiñones de León y Alameda de Santiago Compostela (algunos públicos y otros privados). Se fortalece la Ruta de la Camellia cuando la Sociedad Internacional de La Camellia (ICS) declara Jardines de Excelencia Internacional a varios jardines de esta Ruta: Castillo de Sotomaior, Pazo de Rubianes, Pazo Saleta y Pazo Quintero da Cruz.

La Ruta de la Camellia es un producto turístico diferenciador y proporciona una imagen de calidad y es uno de los mejores recursos turísticos de Galicia que

se suman a los otros atractivos de esta tierra. Como resultado de esta ruta de jardines de camellia de Galicia (su catalogacion y señalizacion), se abrieron al público para visitas generalmente guiadas con explicación tanto de los jardines como de los elementos patrimoniales de los mismos desarrollando gran atractivo para visitantes.

No solo se ofrece la visita guiada, sino que se desarrollaron multitud de productos en los mismos para venta a los visitantes, tanto en el apartado de jardinería, pues algunos jardines venden plantas de camellia y otras producidas en el jardín y otros elaboran productos de cosmética (jabones, cremas, aceites, serum,

velas aromáticas, miel, té de diversas variedades siempre de camellia sinensis, vinos aguardientes (generalmente vino albariño), joyas de camellia y jornadas de cinco sentidos de la camellia de carácter internacional, poesía y eventos en general. Todo esto contribuye al conocimiento de estos jardines y a aumentar cada vez mas el número de visitas interesadas por este conjunto de atractivos turísticos con la degustación de productos típicos en el jardín y catas comentadas de albariños y de Té con su ceremonia ritual, que sin duda contribuye en gran medida a la sostenibilidad de los jardines.

**Pazo Quinteiro da Cruz
como ejemplo de jardín
sostenible.**

El Pazo Quinteiro da Cruz es una propiedad de la familia Piñeiro Lago enclavada en el Valle del Salnés en Galicia (provincia de Pontevedra) que tiene cerca de nueve hectáreas amuralladas y de las que tres hectáreas están dedicadas a cultivo de vino albariño, otras tres a bosque de árboles centenarios autóctonos y otras tres hectáreas a jardín. El jardín está declarado de interés botánico y ornamental. Es un jardín con alma de museo, donde crecen casi 1000 especies botánicas diferentes de los cinco continentes todas catalogadas botánicamente y en el podemos contemplar más de 900 cultivares de

camellias diferentes y más de 100 híbridos distintos, que han permitido a la casa obtener varias Camellias de Oro de S.M. La Reina de España y distinciones como Jardín de Excelencia Internacional de la ICS, así como Premio de Sociedad de Amigos del Real Jardín Botánico de España. Tanto en Jardín como en viñedo se instaló la realidad aumentada, aplicación que nos permite ver floración y descripción botánica de las plantas y viñedo todo el año.

Tras cruzar una puerta del siglo XVIII, podemos visitar el viñedo y jardines, donde podremos ver a parte del valor ornamental y botánico del mismo, el patrimonio arquitectónico y

elementos románticos que están repartidos por todo el jardín.

La propiedad posee Casa Solariega del Siglo XVIII con Patio central almenado con Fuente en su centro, así como dos Horreos (uno de gran tamaño del siglo XVIII y todo de piedra) y Cruceros, así como Palomar almenado, Capilla del siglo XVI y multitud de estatuas, mesas, bancos, fuentes repartidas por el jardín, que nos permite recorrer siempre el jardín acompañando sonidos de agua, pájaros, aromas de plantas, flores y la discreta iluminación que oculta nos acompañara en el paseo por Quineteiro da Cruz. El jardín posee una antigua zona del siglo XIX creada por el francés

Martin Dorgambide y que fue rehabilitada y ampliada en los años setenta por Victoriano Piñeiro Acosta, donde se añadió la gran colección de Camellias existentes, están todas las plantas y caminos señalizados y con la catalogación botánica .

El jardín pertenece a la ruta de Jardines Históricos de Galicia ,a la Ruta de Jardines de la Camellia, a la Ruta de Vino Rias Baixas. La propiedad pertenece a la Sociedad de Amigos de los Pazos, a la Fundación de Casas Históricas y Singulares y al PATRIVIT. Está incluida en PREDIFF (Plataforma estatal para personas con discapacidades físicas)para sensibilización y acceso y atención a público en turismo, Forma parte de SICTED(proyecto

para mejora de destinos turísticos de España),

En la parte mas antigua del siglo XIX encontramos rododendros, antiguas camelias, araucarias, palmeras, cordylines, parterres de boj y azaleas, y cenefores con elementos románticos

Visitas

El jardín esta abierto al público todo el año, siempre con cita previa por ser propiedad privada y residencia familiar habitual. Tambien se admiten visitas individuales y de grupos y son guiadas por personal especializado que explican todos los aspectos botánicos del jardín, así como los elementos patrimoniales de las construcciones y

aspectos vitivinícolas con las plantaciones de albariño, así como las antiguas bodegas con lagares del siglo XVIII y la nueva bodega con las tecnologías actuales para la elaboración del albariño, que al final de la visita degustan los visitantes con cata comentada de su elaboración. En Quinteiro da cruz se visita jardín, viñedo, bodega y patrimonio. La duración del recorrido suele ser de dos horas y por el jardín podemos ver y apreciar multitud de plantas y elementos románticos disfrutando de la colección de camelias de los viñedos, de la capilla, de bodegas, horreos, cruzeiros y un palomar.

La mayor parte del jardín está adaptada para visitas de personas con distintas

capacidades o con movilidad reducida y dispone de instalaciones adecuadas para ellos.

Al visitar el jardín se cobra una tarifa por la visita, dependiendo el precio de si incluye o no la degustación de los vinos de la casa. El importe de la visita se utiliza para ayudar al mantenimiento del jardín

El jardín dispone de página web www.pazoquinteirodacruz.es y folletos con información sobre su localización y historia. Los folletos del jardín están disponibles en oficinas de turismo, hoteles, restaurantes y en el propio jardín. Para la sostenibilidad del jardín ,se abre al público para visitas guiadas, catas de vino albariño. Se elabora también cosmética de

vino albariño(jabones y serúm) y cosmética de camelias (aceites cosméticos, de masajes, jabones de camelia y de té, jabones faciales, protectores labiales, serúm, sales de baño, velas aromáticas, perfumes y colonias de albariño y de camelias, una linea de joyas de diseño de camelias, tenemos así mismo instalaciones adecuadas para la realización de eventos(salones, cocinas, aseos)y organizamos las jornadas de exaltación de la camelia” los cinco sentidos de la camelia” jornadas internacionales de gran repercusión y asistencia que se suelen celebrar a finales del mes de marzo y en el que la gastronomía, viñedos y camelias se funden con la camelia como hilo conductor generando

experiencia vivencial, que permita al visitante disfrutar de la camelia con los 5 sentidos a través de la botánica, gastronomía, tecnología y terapias de bienestar.

Tenemos también plantación de camelia *sinensis* (pioneros en Galicia) y elaboramos diversos tipos de té (verde, negro, blanco) que se elaboran de forma artesanal y comercializamos posteriormente.

Estamos participando con la universidad de Valencia (departamento textil) con investigaciones relacionadas con uso de la *Camelia sinensis* y otras especies para la "ultraviolet protection" desarrollando tejidos tratados con extractos de té que proporcionan protección contra rayos uv.

Participamos en exposiciones de camelias donde se obtubieron numerosos premios y varias camelias de oro. En mayo de 2016 celebramos en nuestras instalaciones una exposición de pintura de tinta china sobre camelias. Se celebran charlas y conferencias sobre la camelia, terapias de bienestar y de relajación, se realizan ceremonias chinas del té y un viaje virtual por los países productores del té mediante la exposición de imágenes y la cata de diferentes tés. Estas jornadas forman parte del proyecto "Feel the camellia" que se desarrolla en Quinteiro da Cruz. Así mismo promovemos reuniones para fomentar el cultivo de la camelia. Realizando tertulias literarias, reuniones

culturales, visitas con distintas degustaciones. También celebramos encuentros y visitas para la recolección de semillas para la elaboración de aceites de camelia y recolección del té, también hacemos talleres de cocina, de escritura expresiva, pintura, terapias de bienestar, almuerzos de empresa y todo tipo de eventos para los que tenemos las instalaciones adecuadas.

El jardín de Quinteiro da Cruz está acondicionado para recibir visitas de personas interesadas por la botánica, por el vino y su cultivo y elaboración y así mismo interesados en la historia y patrimonio tanto arquitectónico como vegetal de Galicia.

Esta adaptado para personas de diferentes capacidades y movilidad

reducida que puedan disfrutar del jardín en todas las temporadas.

Dentro del jardín podemos encontrar plantas de diferentes continentes destacando:

Acer palmatum, Albizzia julibrissin, Araucaria angustifolia, Araucaria heterophylla, Arbutus unedo, Callistemon linearis, C. pallidus, C. rigidus, Castanea xcoudercii, Cassuarina cunningghamiana, Catalpa bignonioides, Cedrus deodara, Cercis siliquastrum, Cinnamomum camphora, Cordyline australis, Cornus capitata, Cornus florida, Corymbia ficifolia, Cupressus sempervirens, Grevillea robusta, Griselinia lucida, Koelreuteria paniculata, Kunzea baxteri, Lagunaria patersonia, Ligustrum lucidum, Liquidambar styraciflua, Liriodendron tulipifera, Magnolia

grandiflora, *Magnolia x soulangeana*, *Melaleuca*, *Maytenus*...

Mas de setenta especies distintas de Camellias y mas de setecientos cultivares y doscientos hibridos diferentes de Camellias.

Camellias muy antiguas como la *Camellia japonica* “Covina” de mas de doscientos años y Cam. Jap. Alba plena, *Camellia sasanqua* Barao de Soutelinho, *Camellia jap.* Kellingtonia y camellias incorporadas posteriormente de diferentes especies como Camellias reticulatas, Camellias sasanquas, Camellias saluenensis, Cam.pitardii

Camellia fraterna y diversas especies de camellias amarillas como *C. nitidissima*, *C. euphobia*, *C. microcarpa*,

C. liberofilamenta, *C. flava* *C. fascicularis* y las mas recientes incorporaciones de *Camellias changii* o *Camellia azalea* (de floración estival), *Camellia tsaii*, *C. chrysantoides*, *C. edithae*, *C. miyagi*, *C. higo*.

Numerosas variedades e hibridos de cultivares de Camellias que hacen del jardín un verdadero lugar de atracción para cultivadores, aficionados y turistas de muy diversos lugares del mundo que lo visitan durante todo el año.

Con la creación de la Ruta de los Jardines de *Camellia*, se ha logrado una dinamización de los jardines y atraer a visitantes que con sus visitas, degustación y compra de los productos elaborados en los jardines

ayudan enormemente a la sostenibilidad y mantenimiento de estos jardines, verdaderos museos vegetales de Galicia.

Con las distintas acciones tanto visitas como eventos y actos realizados en los jardines y con las lojas o tiendas existentes en jardín donde se pueden adquirir los productos elaborados y la divulgación y conocimiento por agencias de viaje, turismo, turoperadores, restaurantes, hospederías y hoteles e instituciones

nos permiten dar a conocer y dinamizar los jardines privados para rentabilizar y mantener los mismos.

Muchas gracias por su atención.



Pedro Piñeiro

Proprietário do Pazo
Quinteiro da Cruz, em
Ribadumia, Pontevedra, na
Galiza, integrado na Rota das
Camélias, Rota dos Jardins
Históricos e Rota dos Vinhos
das Rias Baixas.

É licenciado em Biologia e em
Farmácia pela Universidade
de Santiago de Compostela,
Mestre em Meio Ambiente
(INICE), Mestre em
Comunidades Europeias
(Escuela Diplomática de
España), PhD.

Foi Conselheiro dos Portos
de Galicia durante 15 anos,
Presidente do Real Club de
regatas de Galicia durante 20
anos, Farmacêutico titular e
Inspetor de Águas de
Consumo Público e Diretor
do Gabinete de Óptica
Galicia.

No Pazo de Quinteiro é
diretor da Adegas e do Jardim
Botânico.

É Presidente da Federación
de Cofradías Gastronómicas
Gallegas (FECOGAL) e
Chanceler do Capítulo
Serenissimo del Vino
Albariño de Cambados.

É membro da Associação de
Amigos dos Pazos Galegos,
da Associação de
Proprietários de Casas
Históricas Singulares e ex-
Director e ex-Delegado de
Espanha da Sociedade
Internacional de Camélias.

info@pazoquinteirodacruz.es

<http://pazoquinteirodacruz.es>



